

From Text to Model: Translating
the *Estatutos da Província de
Santa Maria da Arrábida*

Jesse Rafeiro, (CU; CIMS)
Ana Tomé, (IST-UL; CERIS)
João Luís Fontes, (NOVA FCSH-IEM; CEHR-UCP)

14-16 October 2020, Heri-Tech, Florence



Quando foram extintas as ordens religiosas, o convento ficou abandonado, permanecendo nessa situação durante dezenas de anos. Em 1950 encontrava-se ainda em total desprezo (foto à esquerda) tendo sido, alguns anos mais tarde, restaurado pela Câmara de Almada. Hoje, do edifício original resta a fachada e pouco mais

Município de Almada dinamiza monumento esquecido na Caparica

Restauro antigo mutilou Convento dos Capuchos

A poucos quilómetros de Lisboa, na Caparica, apresenta-se modesto mas bem conservado o Convento dos Capuchos, mandado construir em 1558 por Lourenço Pires de Távora, fiel servidor da pátria. Procurado por milhares de pessoas, poucas são as que sabem da sua verdadeira história, ignorando que naquele que foi um local de descanso para as freiras da Ordem dos Capuchos podemos hoje contar pelos dedos de uma só mão os vestígios do edifício original.

VISITAMOS o convento, acompanhados por um responsável do Gabinete de Arqueologia de Almada, que nos mostrou o que hoje reflecte a realidade do que foi este monumento, há 400 anos atrás, mesmo assim sujeito a algumas alterações.

Lamentavelmente, o edifício, outrora habitado por freiras da Ordem Franciscana, sofreu ao longo dos anos do desprezo geral. Não só por ter sido abandonado depois da extinção das ordens, sujeito ao uso que dele fizeram os vários proprietários, mas também, e principalmente, pelo restauro levado a cabo pela autarquia almadense, em princípios dos anos 50. Nele foram ignorados aspectos originais, destruídas pequenas ruínas que poderiam ser estudadas e recompostas, e esquecido o registo de pormenores característicos.

De facto, quando hoje visitamos o Convento dos Capuchos na Caparica — não confundir com os de Sintra e Arrábida, que, esses sim, são fideis exemplares, reveladores da vida dos monges franciscanos — ficamos desiludidos ao verificar que da edificação construída no

século XVI pouco, ou quase nada, resta.

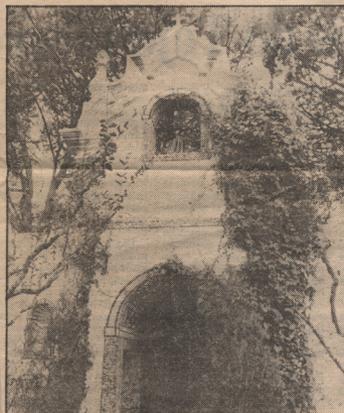
Mas nem tudo é desgraça. Os erros foram cometidos, alguns irreparavelmente, mas existe a intenção de recolher elementos sobre a história daquela ordem religiosa que possam revelar algo mais sobre o que de facto existiu naquele local.

Por outro lado, limitados a preservar o pouco do que sobreviveu à passagem dos anos, os responsáveis da Câmara de Almada mobilizam todos os esforços para animar culturalmente o espaço — do que resultou, com reconhecido sucesso, o já conhecido Festival dos Capuchos, que todos os anos ali reúne milhares de pessoas — organizando exposições arqueológicas e outras.

Também os jardins que embelezam o recinto envolvente ao convento — chamando a si todos os fins-de-semana vários casais de noivos que ali vão fazer as suas fotos de casamento — estão cuidadosamente tratados por uma equipa dinâmica de funcionários da autarquia.

A história do convento

Foi Lourenço Pires de Távora, quarto senhor da casa e



A Capelinha de Santo António, feita por um mestre-de-obras, tem uma decoração «curiosa»: pequenas conchas de praia, pedaços de azulejos imitando século XVII, pedaços de copos e, incrivelmente, cacos de vidros... (Fotos DN-Álvaro Tavares)

morgado de Caparica, quem ali mandou edificar, em 1558, o Convento dos Capuchos, da invocação de Nossa Senhora da Piedade, incorporado na Ordem, cuja construção se concluiu nesse mesmo ano.

Lourenço de Távora, padroeiro

do convento, nasceu em 1610, em Almada, e é conhecido pelas suas façanhas como homem de armas, que o puseram a par dos nossos maiores capitães ultramarinos, e ainda pela sua actuação diplomática ao serviço de Portugal.

Desiludido dos homens, pela ingratitude com que um príncipe, que acabaria por entregar Portugal aos Castelhanos, o recebeu na corte, Távora retirou-se para a tranquilidade do seu velho solar de Caparica, de onde só saiu sete anos depois, pressentindo a proximidade da morte, e recolheu-se no pequeno convento que havia fundado. Ali viveu apenas cinco semanas, estando hoje à entrada da capela-mor da igreja do convento a sepultura onde se supõe estarem as suas ossadas.

O declínio do convento coincide com a queda dos Távoras, no reinado de D. José. Com a Lei de 1834, que extinguiu as ordens religiosas, o monumento ficou abandonado, tendo sido ocupado, durante dezena de anos, por «pastores e agricultores da região, que tinham as suas pastagens nas imediações», disse ao DN uma funcionária do convento.

Só em meados dos anos 50 a autarquia se resolveu adquirir a propriedade e proceder à sua restauração, mas fê-lo de forma desordenada e sem qualquer plano. «As obras de restauração levadas a cabo pela Câmara, naquela altura, não tiveram a intenção de preservar o que havia, e penso que isso deve-se ao conceito histórico do poder no antigo regime», referiu Luis Barros, do Gabinete de Arqueologia da Câmara de Almada.

Obras importantes mas isoladas

Existem hoje, no convento, várias obras de valor, como os

dois painéis à sua entrada, representando motivos de sermões de Santo António, oferecidos pelo coronel Luciano Alves. Imagens de santos, quadros de parede e o próprio altar, que constitui uma notável obra de talha, oferecido pelo director do Museu de Arte Antiga na altura, João Couto, são alguns exemplos de obras importantes, mas que nada têm a ver com a edificação original.

Os painéis de azulejos que existem no interior da capela e nos corredores desapareceram ao longo dos tempos, tendo sido feitas imitações de azulejos dos séculos XVII e XVIII.

As construções nos jardins, imagens de santos e outras obras expostas são o resultado de ofertas provenientes de monumentos demolidos de Almada e Lisboa, tendo algumas obras sido feitas por um mestre de obras e um pedreiro.

Todos os emblemas artísticos, feitos no claustro, nos jardins, no miradouro, na fachada do jardim, na capelinha, entre outros, foram feitos por aqueles artistas. As referidas obras, sem serem desprovidas de interesse, não têm nada a ver com o real valor que teria a preservação e reconstrução do edifício, onde viveram os frades franciscanos. Todavia, aconselhamos uma visita ao referido monumento, pois tem o seu valor «especial», e de onde se podem ver belas paisagens...

J. P. F.

O Convento dos Capuchos de Alferrara é uma ruína em construção

Podiam transformar um convento em ruína num centro cultural, mas acabaram por pouco ou nada fazer, intervindo apenas para conter a sua degradação. A degradação também tem uma história

Por Cristiana Faria Moreira texto e Rui Gaudêncio fotografia

Quando se pergunta ao arquiteto Victor Mestre o que encontrou quando entrou nesta ruína para visitar a sua próxima obra, a resposta é imediata: "Uma cruz lendaica. O sabor da comensação em absoluto, que é a floresta a tomar conta do edifício, a recuperar a sua terra pedida. A natureza a recuperar o seu ciclo e a comer o silêncio." A vegetação saiu pelas janelas e cobriu grande parte da ruína do Convento de Nossa Senhora da Conceição dos Irmãos Franciscanos Capuchos de Alferrara. É a única peça de arquitetura aborvidada pela floresta.

Passaram mais de dez anos desde esse momento em que as árvores gigantes enguliram as abóbodas de pedra calcária e de brecha da Arrábida — um conglomerado de pedras com miúdo ceros, que só existe naquela terra — do convento. Ao

chegar ao sopé da serra da Arrábida, lá no meio do arvoredo, a construção aparece diluída na paisagem. É um cenário portenhoso. O convento, erguido por frades franciscanos entre os séculos XVI e XVII, escondido entre o verde da serra, com uma vista que se entende até ao mar.

O convento não é muito grande. Deve ser tido umas dez celas, e só uma. Victor Mestre. Quando o arquiteto ali chegou, o edifício estava praticamente em ruínas. "Era tudo uma floresta." Um edifício em pré-colapso, em que algumas zonas como o altar mor já tinham mesmo desatado — e assim continuava, com a construção aberta, sem ter sido restaurada a parte que lhe falta. "As derrocadas eram intensas", recorda.

O lado romântico, bucólico, da natureza a abraçar o edifício, contrastava com o vandalismo, com os azulejos arrancados, partidos no chão, sem talhas decoradas, as paredes descaídas, rabiscadas. As paredes, com grandes crateras,

eram "minimamente restauradas", diz Victor Mestre. "Aproximamos as pedras todas, voltamos a pô-las no sítio." Com a extinção da ordem religiosa, o edifício acabou por ficar desocupado em 1834, ainda que desde as invasões francesas tenha sido cada vez menos ocupado. "Desa altura até 1834 estava entregue a um dos pedres que viviam só cá celebrar missas e tratar dos paramentos", explica Fábio Vicente, o guardião eclesial praticante em ruínas. "E a alma" desse espaço, como reconhece o arquiteto.

O terreno acabou por cair em mãos privadas em 1900, ano que, em 1986, a Associação de Municípios do Regiões de Serpa (AMRS) comprou a Quinta de São Paulo, uma propriedade com

deserua de hectares, em Palmela, e com dois conventos vandalizados e muito degradados. "Tudo o que era mais ou menos valioso foi roubado", explica Rui Garcia, presidente da associação e da Câmara da Mota. Há dez anos tornou a opção "de investir para



Peça-chave: Estas grelhas são mágicas", diz o arquiteto, sobre a luz que passa pelas estruturas de madeira que ajudam a sustentar as velhas paredes

travar a degradação, para depois recuperar". Foi então que a associação convidou Victor Mestre e Sofia Aleixo — dupla de arquitetos que tem um atelier em Lisboa desde 1991 — para restaurar aquele espaço e transformá-lo numa espécie de centro cultural.



escorar a construção, Victor Mestre pôs-se a estudar como teriam sido construídas as abóbodas no século XVI, utilizando uma técnica antiga, que a arquitetura chama de cruas de Santo André para travamento.

"Isso foi desenhado metuciosamente. Foi eu que desenhava tudo com a ajuda do engenheiro Pedro Rebelo. E um dos projetos mais difíceis que fiz na minha vida. E aparentemente são as mesmas cruas de madeira", diz. "Todas estas secções são pensadas para ter escala aqui dentro. Se fosse uma coisa extremamente grossa, escondo tudo; se fosse demasiado esbelta não cumpria a função estrutural, mas tem o cuidado de me deixar fazer a recuperação das poucas pinturas que ainda estão aqui ocultas", explica o arquiteto. "Agora chegamos aqui ao diabolico. Eu vivi no convento para fazer isto. O Fábio (Vicente) já não podia entrar nos canteiros sim, semana a semana a fazer aqui."

Montaram ali "uma carpintaria local, com não sei quantos homens a trabalhar durante um mês a fabricar essa estrutura", "Parecia mesmo outra vez um estele de uma obra em construção", recorda Victor Mestre. A madeira foi tratada de forma a durar tantos anos quanto o convento perdure, diz o arquiteto. "Passaram dez anos e a estrutura está aqui só, mesmo com a madeira exposta à intempérie", repara. E agora, recebe visitantes — e até já foi palco de um concerto de Celina Pêladre.

Victor Mestre não estava no Convento dos Capuchos de Alferrara há dois anos. E por isso que repara em cada rachão na parede. "É só a ver esta fatura que está aqui? Era o fim desta abóbada."

Além da estrutura de madeira, foram colocados nas janelas uns blocos de cimento, com círculos perfurados, que dão sustentação ao edifício. "Quando se põem estes tijolos, estas grelhas, eles cedem por duas razões: a primeira é porque ao colocar estes tijolos de cimento e calados de barro, isso permitiu que a degradação de todas as fissuras das partes superiores das paredes parasse completamente. Depois, a luz a ver filtrada naqueles dias de muito calor, muito intenso... os raios de luz a entrar em pelas grelhas, a baterem no ardo... estas grelhas são mágicas", diz o arquiteto. Ao mesmo tempo, acabam por fazer lembrar as grelhas dos conventos em que os monges viam de dentro

para fora e não eram vistas de fora para dentro. Ao longo deste processo, diz que tentou sempre não "destronar" a memória e a história do convento. "Nunca aceitaria para não ser apenas demontar o sentido de convento que aqui está."

A par dos trabalhos de contenção da ruína, quiseram documentar como seria a vida dos frades franciscanos que ali viveram. Descobriu onde era a pedreira de onde se extrairam as pedras para construir o convento, de onde se extraía a cal, onde era o telheiro para fazer as peças cerâmicas como as telhas, os ladrilhos, tijolos ou o arredo. Por onde passava a água, onde estava o pomar, a horta, que tornava o convento sustentável.

Victor Mestre não queria que se perdesse "a tal dimensão antropológica do sítio", dos que ali viveram. "Isso é um edifício consagrado. Demontar essa carga, é como demontar o edifício também. E mais do que isso foi ter a prática desse significado durante séculos. Há aqui uma vontade de preservar o que aqui está, o silêncio. O edifício tem a sua própria linguagem, o seu próprio som, a sua própria construção etérea. Eu costumo dizer que as paredes liberam o som dos frades que aqui viveram. É uma metáfora, mas quer dizer que não se podem ocultar essas leituras."

Seria possível fazer a sua reconstrução? "Sim seria, porque tudo isto está registado e consegue-se fazer modelos do que caiu. Mas reconstruído é outra coisa, outro espírito. Nem quero dizer se é bom ou mau", reconhece. O trabalho que ali fez acaba por contrariar aquela ideia de que os arquitetos existem para construir. "O arquiteto tem a obrigação de ver que há limites quanto mese em património e o limite não são apenas as cartas de património. São as boas práticas."

É por isso que diz que "os arquitetos não devem andar à solta, não fazem nada sozinho". O trabalho feito no Convento dos Capuchos é uma forma de deixar uma mensagem: a de que os arquitetos existem, em muitos casos como este, "para mostrar que é possível preservar os valores imateriais com a sustentabilidade do valor material tal e qual como ele está". É "apenas a tão somente" mostrar que aqueles blocos de calcário e brecha da Arrábida são muito mais do que ruínas — são pedaços de um convento que está em construção.

crustiana.moreira@publico.pt

guia

221 Há várias ofertas de alojamento em Setúbal e em Sesimbra. Se quiser ficar instalado no coração do Parque Natural da Serra da Arrábida, o Hotel Casa Palmeira pode ser um opção. Resulta da recuperação de uma antiga casa senhorial e está inserido na Quinta do Estevão. Outra das sugestões é o Hotel Sado, que tem uma vista privilegiada sobre a serra da Arrábida e o rio Sado.

222 Arriscamos dizer que, uma vez na região, não se pode deixar de comer um choco frio. Mas recomendamos também que chegue cedo para o almoço, encontre uma boa esplanada em Sesimbra ou Setúbal e peça um peixe fresco. Dêmos uma sugestão para petiscar à beira Sado na Pérola da Mourisca, onde sabores alentejanos se misturam com aquilo que o rio e o mar oferecem.

223 Vale um passeio pela pitoresca vila de Sesimbra, pelo cabo Espichel, ou por Azeitão. Fica a sugestão de um passeio pelo Palácio da Beira, da Casa Real Portuguesa, mas também pela Quinta do Lapidário, fábrica de azulejos e casa de chá.

224 Um opção é ir até ao estuário do Sado, entrar num barco e fazer-se ao mar para observar golfinhos que costumam aparecer na costa da Arrábida e em Tróia.



“ Eu costumo dizer que as paredes liberam o som dos frades que aqui viveram. É uma metáfora mas quer dizer que não se podem ocultar essas leituras ”

RESEARCH OBJECTIVES

To better understand the *Estatutos da Província de Santa Maria da Arrábida* through 3D representations of the architectural rules and how these rules manifest themselves in specific instances of Franciscan convents across the province.

To demonstrate how new tools in digital heritage can assist in the study and dissemination of the otherwise invisible dimensions of heritage buildings.

ESTATUTOS
DA PROVINCIA
DE
SANTA MARIA
DA ARRABIDA
Da mais perfeitada Observancia de nosso
Seraphico Padre
S. FRANCISCO,
FEYTOS

Em virtude de hum Breve do Senhor Papa Innocencio
XII. concedido á mesma Provincia, sendo Mini-
stro Provincial o Irmão Frey Antonio da Ap-
resentação Prêgador, & Examinador
das tres Ordens Militares:

ACEYTOS, & APPROVADOS

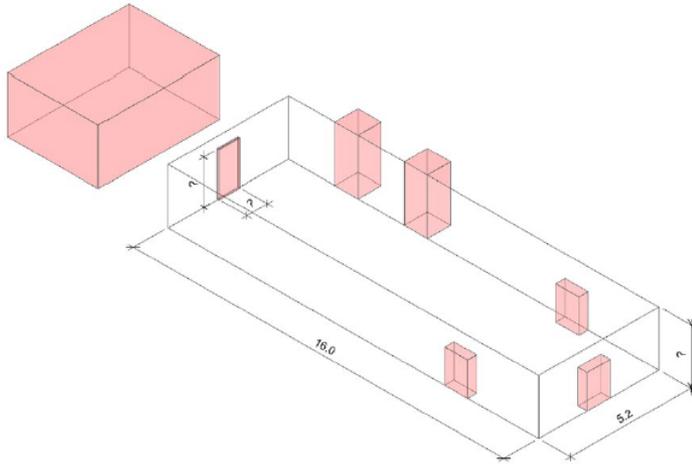
Pelo Capitulo Provincial, que se celebrou em o Convento de São
Joseph de Ribamar em 6. de Julho de 1697. em que foy eleyto
Ministro Provincial o Irmão Frey Sebastião de Santo
Antonio Prêgador.



L I S B O A,
Na Officina DE MIGUEL DESLANDES;
Impressor de Sua Magestade.
Com todas as licenças necessarias. Anno de 1698.

Medidas lineares	Equivalências	Equivalências no sistema decimal
Légua	{ 3000 passos 1500 passos	{ 4500 m 2250 m 1125 m
Milha	1000 passos	1475,80 m
Braça; ramal	10 palmos=6 pés	1,82 m
Passo ou passal	{ 5 pés 2,5 pés	{ 1,50 m 0,75 m
Pé	12 polegadas	0,30 m
Palmo	8,5 polegadas	0,20 m
Polegada	---	0,0254 m
Dedo	---	0,0200 m
Peça	35 a 80 côvados	24,5 m a 56 m
Lenço	14 varas=2 bragais	15,40 m
Bragal	7 a 8 varas	7,70 m
Corda	12 côvados	8 m
Vara	5 palmos=0,5 braças+1 polegada	1,10 m
Côvado; alna	3,5 palmos	0,70 m

Marques, O. (1963). Pesos e Medidas. In J. Serrão (Ed.), *Dictionário de História de Portugal*. (vol. V, pp. 67-72). Livraria Figueirinhas: Porto.



A Igreja

The Church

Terá a Igreja de largo vinte, & feiz palmos, não passará de comprido da porta da Igreja até a parede do Altar mór de orenta palmos, ficando sempre o Coro por alpendre de fóra. Serão as cadeyras do Coro chãos sem alguma curiofidade. Haverá na Igreja fômente tres altares; & feirão os retabolos também chãos quanto á marcenaria, mas de muy boas pinturas, & com o menos ouro, que puder fer. Haverá nas noffas Igrejas ao menos douts confeffionarios, o vao das quaes fôrta dentro na clauftura, pelo rifco, que la de fe ouvirem as confiftoens dos que eftão de fóra.

The church will have a width of 26 palms (5.20 m), the length of the door of the church until the wall of the main altar should not pass 80 palms (16 m), the Choir will always be overhanging outside the nave. There will be seats in the Choir without ornament. There will be in the church, only three altars and the retabes and floors will be of wood, but of many good paintings and have as little gold as possible. There will be in our churches at least two confessionaries to be located inside the enclosed area, because of the risk that the confessions be heard by those outside.

Terá a Igreja

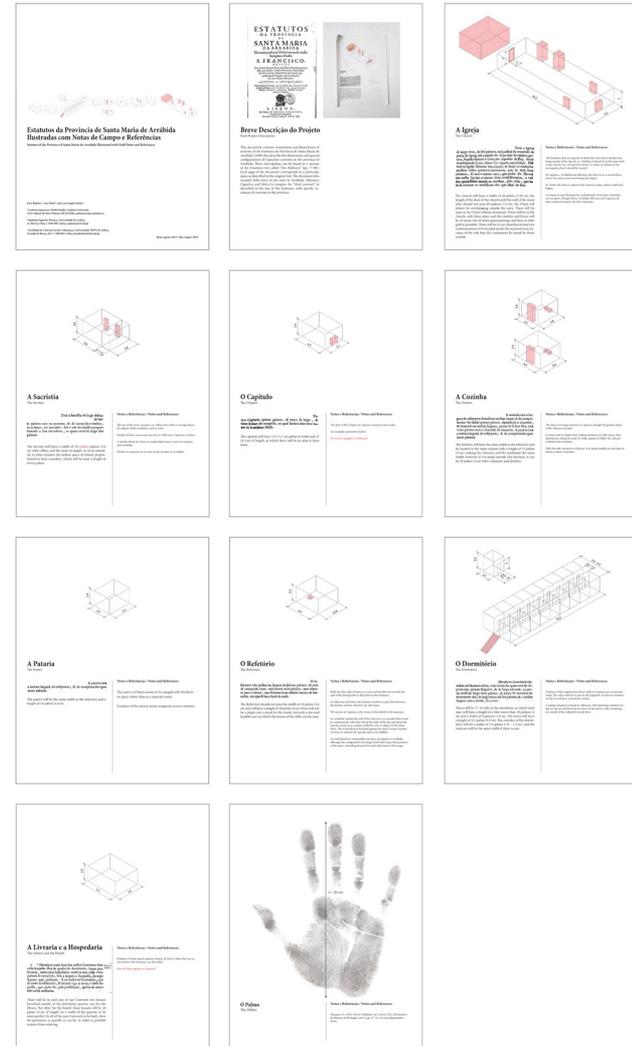
Notas e Referências / Notes and References

The Estatutos does not specify in detail how the chorus should overhang outside of the church, i.e., whether it should be at the same level as the church, on a second level above, or where in relation to the rectangular plan it should be located.

In Caparica, Arrábida and Alferrara, the choir is on a second floor, above the entrance and overlooking the chapel.

In Sintra, the choir is askew to the church in plan, and at a half level higher.

Locations or specifications for confessionals, front door, and altars are not given, though Sintra, Arrábida Alferrara and Caparica all share similar locations. for these elements.

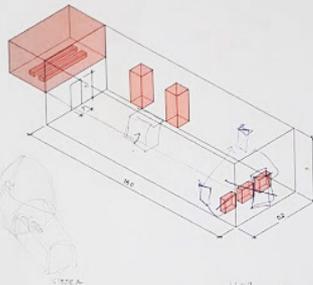


A Igreja

The Church

Terá a Igreja de largo vitor, & terá palmas, na puzira de comprimento da porta de Igreja até a parede do Altar mór de ontra palmas, ficando sempre o Coro por alpendre de fora. Serão no edifício do Coro chãos (ou alguma quantidade). Há também chãos quanto à marcenaria, mas de muy boa madeira, & de outro modo coro, que poder ter. Haverá duas portas dentro do chãos, & pelo não, que ha de se ouvir as confissões dos que está de fora.

The church will have a width of 26 palms (320 m), the length of the door of the church until the wall of the main altar should not pass 80 palms (16 m), the Choir will always be overhanging outside the nave. There will be seats in the Choir without ornament. There will be in the church, only three alters and the retablos and floors will be of wood, but of many good paintings and have as little gold as possible. There will be in our churches at least two confessionaries to be located inside the enclosed area, because of the risk that the confession be heard by those outside.



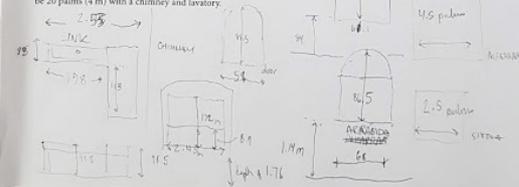
1637 - Alameda
1641 - 2019 ans
3 confessionaria
wood to block coros
x

A Cozinha

The Kitchen

A cozinha terá a largura do referreório ficando no mesmo largo, & de comprimento 16 dafó quinze palmas, ficando-se a chaminé & a sacroia na mesma largura, porém de fe fazer fora, terá vinte palmas com a chaminé, & lavatório. A paratira terá a mesma largura do referreório, & de comprimento quatro palmas.

The Kitchens will have the same width as the refectory and be located in the same section with a length of 15 palms (3 m), making the chimney and the washbasin the same width, however if it is made outside (the kitchen), it can be 20 palms (4 m) with a chimney and lavatory.





	Alferrara	Arrábida	Caparica	Sintra
Chorus				
Church				
Sacristy				
Chapter				
Kitchen				
Refectory				
Dormitories				
Library				
Hostel				
Ministry				
Cloister				
Confessionary				

Elements not described within the Estatutos

VISIT 1 - ALFERRARA



VISIT 2 - ARRÁBIDA



VISIT 2 - ARRÁBIDA

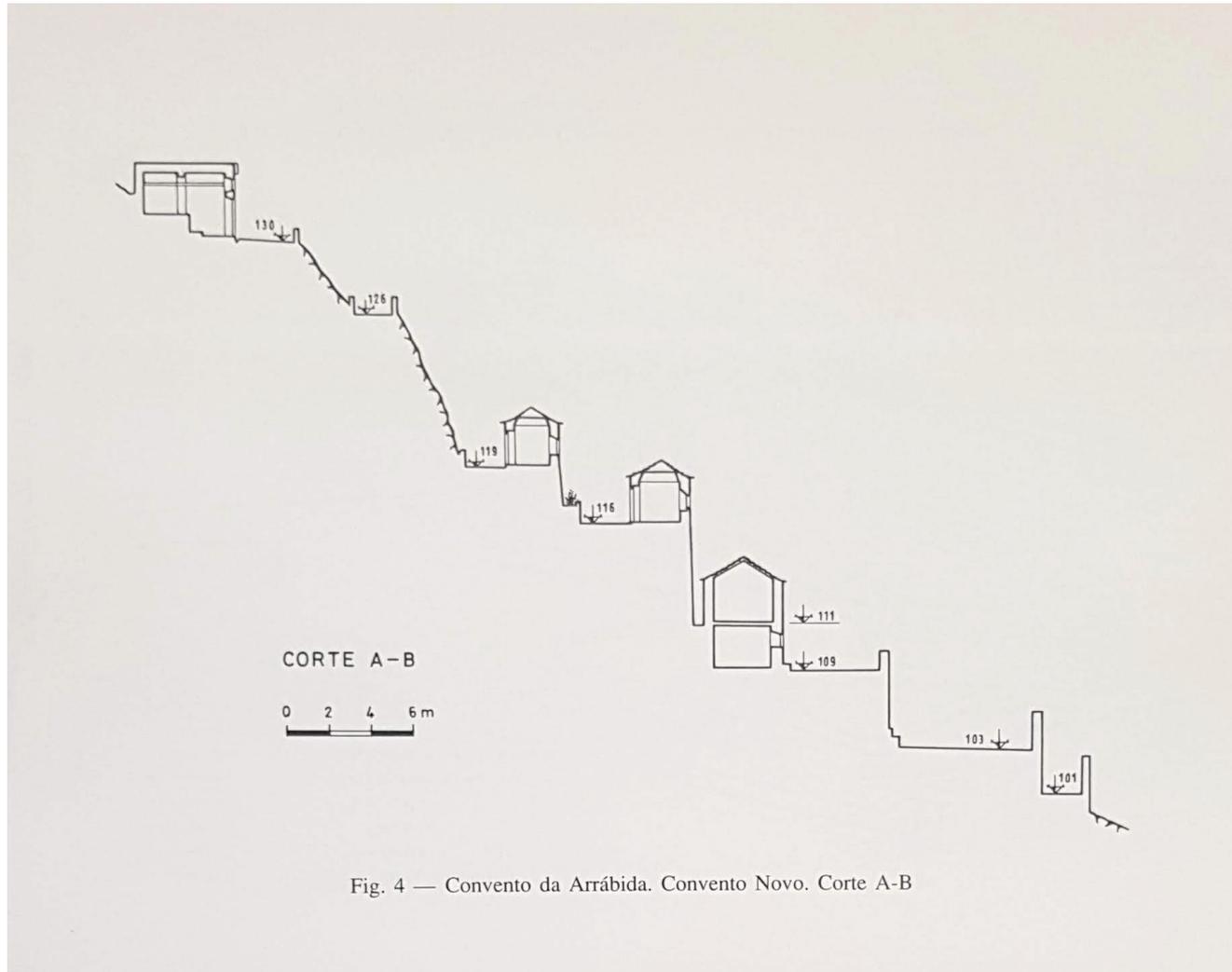
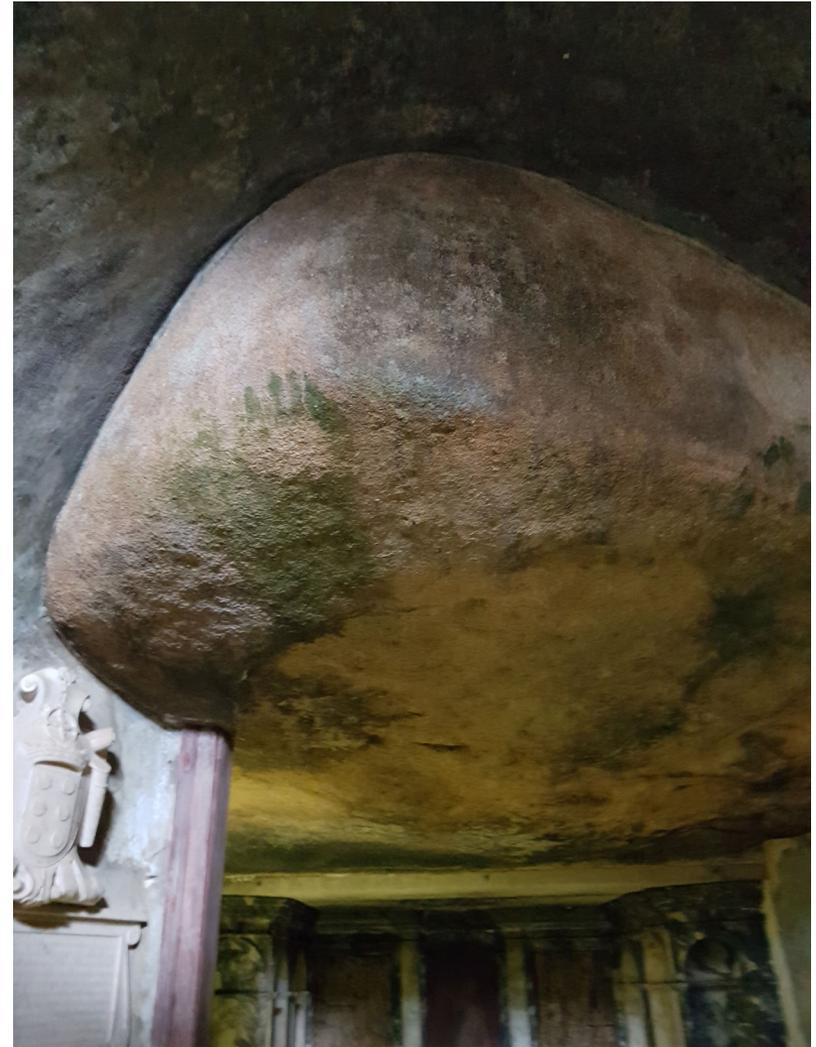


Fig. 4 — Convento da Arrábida. Convento Novo. Corte A-B

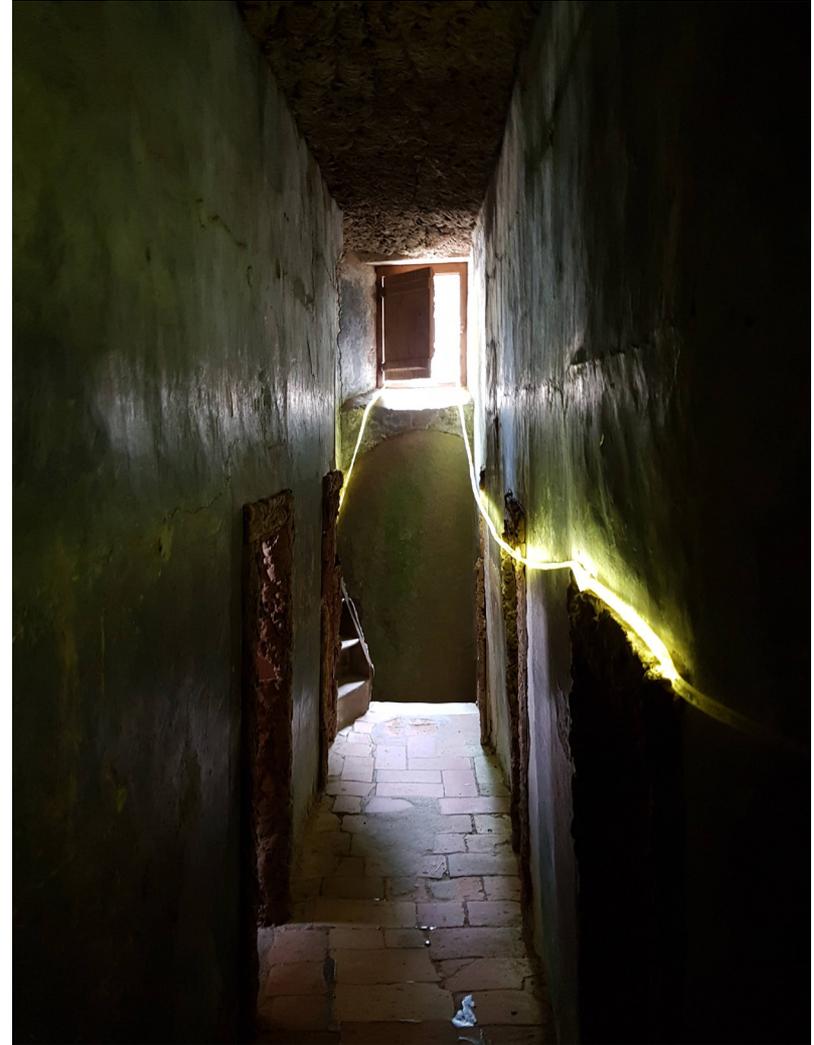
VISIT 3 - CAPARICA



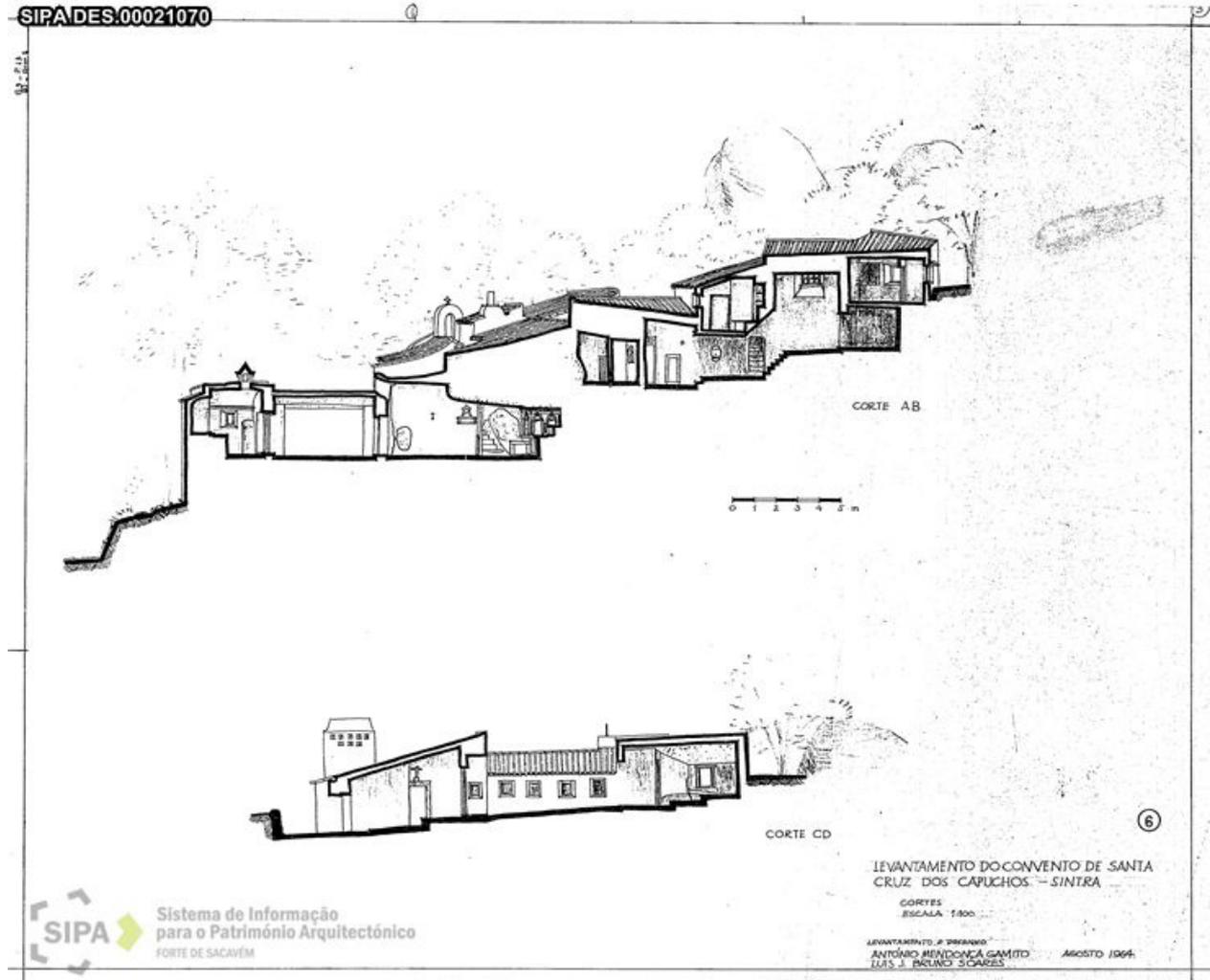
VISIT 4 - SINTRA



VISIT 4 - SINTRA



VISIT 4 - SINTRA





Ministry, Alferrara

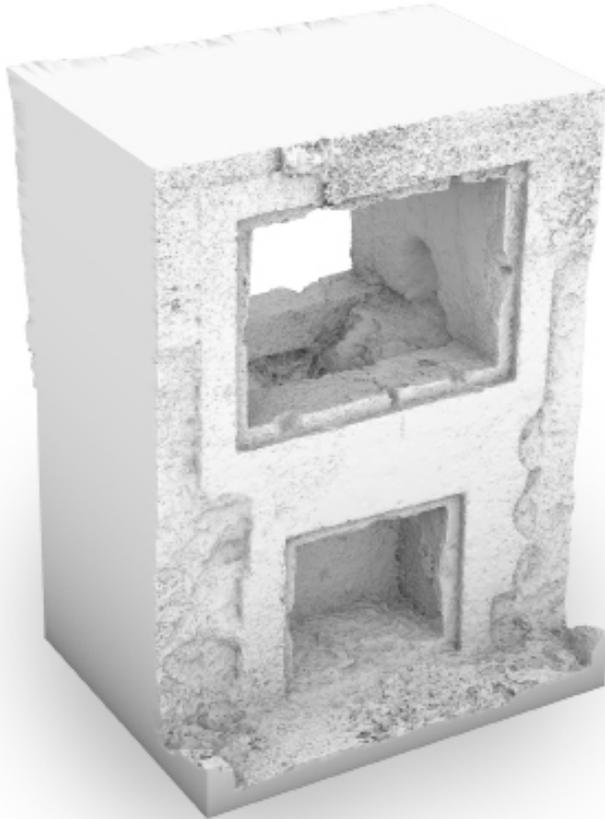


Ministry, Sintra

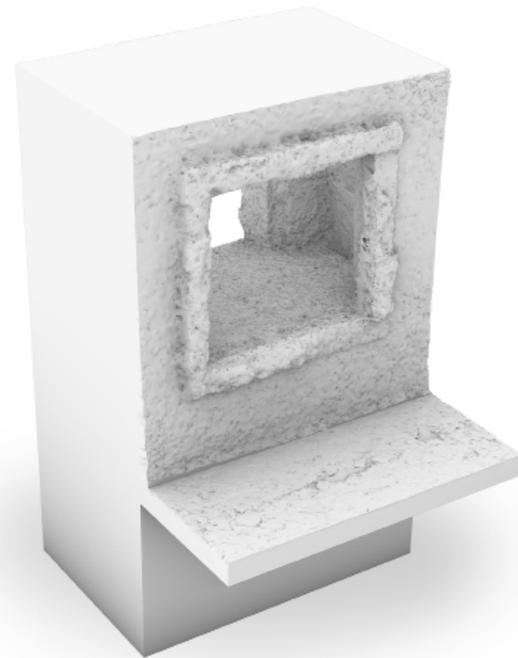


Ministry, Arrábida

3D PRINTING



Ministry, Alferrara -
Digital Mesh



Ministry, Sintra -
Digital Mesh





Chimney, Sintra



Sink, Sintra

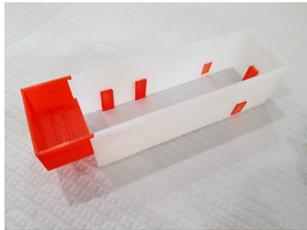
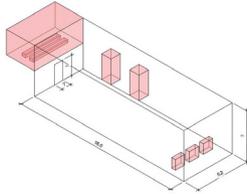


Chimney, Arrábida

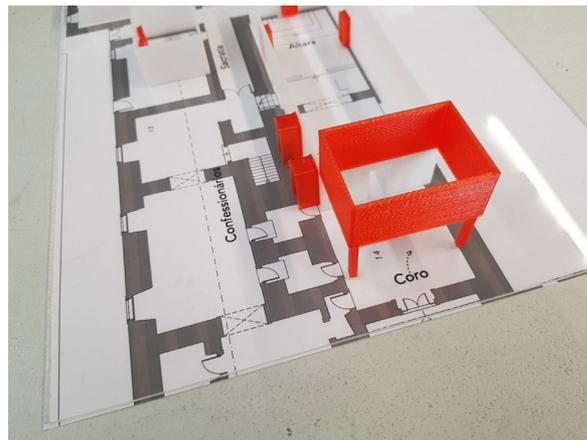
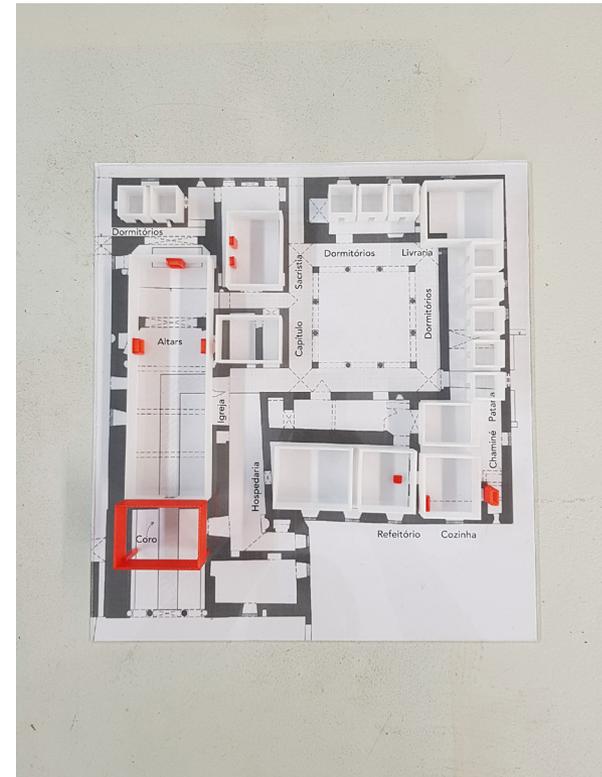


Sink, Arrábida

RECONSTRUCTION



3D printed models of the ideal spaces of Estatutos da Província de Santa Maria da Arrábida overlaid onto the current plans of Caparica (left) and Alferrara (right).



CONCLUSIONS

The physical terrain and public access tend to dictate foremost the overall arrangement of spaces.

In cases where specifics are given, such as the correspondence between sink and chimney width, we see the rule consistently translated into the building.

In cases where there is no textual rule – a similar element, such as the ministry window – appears consistently yet in various typologies.

FUTURE WORK

Concretizate findings with more 3D printed materials to make the research tangible to non-expert audiences.

Produce 3D printed models - comparing ideal to real - of the other two convents in the study: Sintra and Arrábida.

Continue the systematic approach to more examples of convents belonging to the Arrábida province in order to find examples of all spaces described.

ACKNOWLEDGMENTS

The activity presented in this paper was made possible by funding from the “New Paradigm / New Tools for Architectural Heritage in Canada” training program funded by the Social Sciences and Humanities Research Council (SSHRC) as well as by the support of the Municipality of Almada (Câmara Municipal de Almada).